



ConBRepro

XII CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



ESG nas Engenharias

30 a 02
de dezembro 2022

CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA NAS REDES PRIVADAS DE ENSINO

Juliana Ferreira Lara

Discente - Strong Business School

Lídice Dias da França

Discente - Strong Business School

Matheus Mascaro Vitoriano

Discente - Strong Business School

Maria Teresa Morishigue Strioli Daniel

Discente - Strong Business School

Dione Fagundes Nunes Gomes

Docente - Strong Business School

RESUMO

Este estudo apresenta uma visão acerca das consequências da pandemia nas redes privadas de ensino. Tem-se como objetivo compreender o novo cenário que a pandemia gera nas escolas particulares brasileiras, levando em conta a saúde mental, física, logística familiar, tecnologia e condições financeiras. A pesquisa aplicada foi descritiva, de campo, com análise quantitativa dos dados coletados através de questionário semiestruturado, tendo como expectativa demonstrar os impactos nos professores, alunos e área financeira. Esta pesquisa questionou 140 pessoas sobre as consequências acarretadas pela pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Pessoas, Pandemia, Financeiro.

CONSEQUENCES OF THE PANDEMIC ON THE PRIVATE EDUCATION SYSTEM

Abstract: This study presents an insight into the consequences of the pandemic on private education system. The objective is to understand the new scenario that the pandemic generates in Brazilian private schools, considering mental and physical health, family logistics, technology and financial conditions. The applied research was descriptive, in the field, with quantitative analysis of the data collected through a semi-structured questionnaire, with the expectation of demonstrating the impacts on teachers, students and the financial area. This research questioned 140 people about the consequences that the pandemic has been generating.

Keywords: People, Pandemic, Finance.

1. Introdução

Até meados de 2020 a essência das práticas nas escolas de ensino privado era de forma presencial, com interações sociais diárias e aulas dinâmicas. “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1979). Desse modo, é possível refletir que por meio da interação social é viável mudar o mundo. Com a vinda da quarentena no fim de março, o isolamento social, em poucos meses, tornou-se o novo normal, gerando uma grande mudança em todos os âmbitos do ensino privado.

Diante do exposto, interessa para esse estudo responder a seguinte questão: quais desdobramentos podem ser observados no contexto educacional, a partir dos impactos causados pela pandemia da COVID-19 em alunos, pais e professores?

Compreender as tendências que podem ser destacadas e que estão contribuindo para o novo cenário da rede de ensino privada nacional é o principal objetivo a ser estudado. Para viabilizar esse objetivo, outras ações se fazem necessárias, que aqui chamamos de objetivos secundários, a saber: identificar quais foram os principais impactos da pandemia na rotina educacional, nas perspectivas de professores, pais e alunos; verificar o grau em que esses impactos alteraram a dinâmica do processo ensino-aprendizagem, além da crise financeira, instaurada em muitas famílias é um dos mais visíveis impactos da pandemia que interfere diretamente no comportamento dessas famílias em relação à educação formal dos filhos.

Em um curto período, muitas mudanças ocorreram no meio educacional brasileiro, como a introdução do ensino remoto, dificuldades estruturais e financeiras. Nesse contexto, estas mudanças se tornaram a nova realidade de ensino, trazendo maior relevância e destaque às consequências causadas pela COVID-19.

Este artigo está dividido em 4 seções. A primeira, contextualiza através da metodologia onde por ela desenvolvemos a nossa pesquisa. A segunda seção pontua as principais consequências que a pandemia gerou e afetou as pessoas. Na terceira, questiona os principais atingidos da educação através de formulários. A quarta parte conclui todos os pontos abordados.

2. Metodologia

A metodologia dessa pesquisa obedeceu as indicações de Vergara (2000). Portanto, quanto aos fins, a pesquisa classifica-se como descritiva, conforme explicação a seguir:

A pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. A autora coloca também que a pesquisa não tem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação (VERGARA, 2000, p.47).

Quanto aos meios, é uma pesquisa de campo que utilizou como instrumento de coleta de dados, questionário semiestruturado e entrevista. A análise dos dados foi quali-quantitativa, valendo-se dos dados primários coletados em campo. O universo da pesquisa é formado de alunos e professores do ensino médio e superior de instituições privadas de ensino da região da Baixada Santista. A amostra foi definida sob o critério de acessibilidade, composta por 140 respondentes do questionário, sendo dois entrevistados, o entrevistado um (1) uma estudante do ensino superior, e o entrevistado dois (2) um proprietário de escola do ensino infantil, fundamental e médio.

3. Referencial Teórico

3.1 Educação na pandemia

Em março de 2020, os professores se viram em uma situação inusitada. Escolas e faculdades fechando as portas e se tornando 100% *on-line*, o que transformou sua forma de trabalhar. Muitos tiveram dificuldades de interagir de forma digital, muitos tiveram dificuldade em manter os alunos interessados, muitos tiveram problemas pessoais, mas todos passaram pela mesma dificuldade: a adaptação ao trabalho remoto.

Esse novo formato de trabalho – o *home office* – apesar de já ter sido definido pela legislação brasileira na Lei nº 13.467 de 2017, para orientar ainda melhor os trabalhadores em 2020, quando boa parte dos trabalhadores realizaram o *home office* em algum momento, foi implementada a medida provisória 1.108/2022 para regulamentar algumas regras para esse tipo de serviço. “De acordo com o advogado Ricardo Calcini, professor da pós-graduação da FMU e especialista nas relações trabalhistas e sindicais, a Constituição Federal autoriza que medidas provisórias façam alterações sobre a legislação trabalhista” (CALCINI, 2020).

O ensino à distância, mais conhecido durante a vinda da pandemia da COVID-19, foi definido pelo Ministério da Educação (MEC, 2022) como “modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação.” Junto às novas adaptações para professores, os alunos também precisaram entender o novo formato de aulas e realizar adequações para tentar ao máximo manter o padrão do ensino presencial na qual estavam acostumados.

Até o fim do carnaval de 2020, a vida no Brasil era “normal”, e o que era para durar quinze dias, durou meses e passou a ser o “novo normal”, a realidade durante e pós pandemia. A realidade nas escolas e faculdades de ensino privado foi, como já dito, o ensino à distância, e com ele, muitas dificuldades vieram para todos os envolvidos.

Houve a necessidade de os professores compreenderem como dar aula neste formato, sem ter controle do que os alunos realmente estão fazendo, dificultando sua avaliação, e sempre tentando manter os alunos interessados no conteúdo, provocando o pensamento crítico nos alunos para gerar dinamismo. Precisaram também aprender novas tecnologias para continuar se reinventando, o que foi extremamente difícil para muitos que possuíam certa dificuldade, como dito pela especialista em educação Fernanda Meller, “as tecnologias, de um modo geral, trazem desafios no decorrer da sua história, pela falta de [...] conhecimento para acesso.” (MELLER, 2021)

De acordo com o jornalista Bruno Alfano, 66% dos alunos de escolas particulares tiveram dificuldade com o ensino remoto na pandemia, seus pais acreditam que estavam aprendendo mais devagar, de acordo com a pesquisa EY-Pathenon, em conjunto com a Educa Insights. Já no ensino infantil e fundamental, 78% e 61% respectivamente, os pais disseram que o ritmo das crianças diminuiu em relação aos estudos, o que dificulta ainda mais, já que as crianças têm menos autonomia para aprender sozinhas, elas dependem muito mais de seus responsáveis para manter um bom desenvolvimento. Entre os alunos de ensino médio, em contrapartida, 53% não perceberam mudanças de ritmo - o que mostra que maior autonomia facilita o aprendizado no ensino remoto. (ALFANO, 2020).

3.2 Interação social e saúde mental

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “no primeiro ano da pandemia de COVID-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%” (CNN, 2022), de acordo com um resumo científico divulgado. O resumo também destaca quem foi mais afetado e mostra o efeito da pandemia na disponibilidade de serviços de saúde mental e como isso mudou durante a emergência de saúde pública. De acordo com a rede de ensino privada Novo Tempo, “tivemos um aumento significativo de casos de alunos com dificuldades socioemocionais; alguns que já vinham apresentando esse histórico se viram em situação ainda mais drástica e casos novos vieram a se manifestar.” (NOVO TEMPO, 2022).

Segundo dados estatísticos atuais do governo brasileiro, Painel Coronavírus, cerca de 684.425 mil pessoas vieram a óbito decorrente da COVID-19, sendo mais um estopim para transtornos psicológicos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

Dentre as percepções dos alunos em relação a COVID-19, os maiores impactos foram, prejuízos em relação a sociabilidade e a dificuldade de concentração nas aulas remotas e sua real eficácia principalmente para as crianças mais novas, que conforme os pais e responsáveis, estão no estágio inicial de desenvolvimento educacional. Em uma pesquisa anônima realizada pelo senado, uma mulher de um grupo misto (41 a 60 anos) afirmou que “foi difícil, [...] eu tive que adaptar, acordar mais cedo para depois fazer tudo que eu tinha que fazer para entregar no dia e ajudar ela. [...] não concordo com as aulas *on-line*, ao invés de ajudar só prejudicou.” (ARAÚJO, 2021).

Para os professores, o distanciamento social e a adaptação a tecnologia sem cursos preparatórios para ministrar as aulas e aplicar atividades por meio das plataformas digitais, além das tarefas que eles já possuíam atreladas a baixos salários, em sua maioria, e períodos de trabalho altos, colocaram em xeque a saúde mental desses profissionais. Segundo Elenise, mestre em psicologia pela UFSM,

(...) nós, enquanto seres humanos, queremos dar conta de tudo. Vamos trabalhando e esquecendo da nossa saúde mental. E é nesses momentos de fala que os profissionais se dão conta que durante a rotina eles não possuem esse espaço de conversar sobre suas dificuldades, seus sentimentos. (REVISTA ARCO, 2021).

Tanto para alunos quanto para os professores, as salas de aulas foram substituídas por quartos, salas de estar e cozinhas. As cargas horárias excessivas, distanciamento social e o despreparo foram de ambas as partes.

3.3 Área financeira

A crise causada pela pandemia mudou a realidade de diversas famílias, que tiveram que se readequar. Segundo dados do Grupo Rabbit, consultoria em gestão educacional, o número de matrículas nas escolas privadas brasileiras em 2020 foi quase 20% menor do que o registrado no mesmo período de 2019. (REVISTA EDUCAÇÃO, 2020).

Um levantamento realizado com 400 escolas da rede privada apontou que houve considerável aumento no número de inadimplência. Além disso, revelou ainda que cerca de 95% das escolas, desde a educação infantil até o ensino médio, perderam alunos durante o período de pandemia. De acordo com a pesquisa, antes da crise de covid-19 que obrigou a suspensão das aulas, os índices de atraso e de inadimplência chegavam a 21,7%. Já em abril, o número aumentou para 32%, chegando em 37% em junho (GRUPO RABBIT, 2021).

Nesse contexto, o impacto financeiro foi bastante percebido nas escolas voltadas para a educação infantil e creches, dado que havia maior dificuldade de implementar o ensino remoto, “ensejando na redução da receita destas em 54%, em junho”, de acordo com a União pelas Escolas Particulares de Pequeno e Médio Porte (2020).

Adaptar financeiramente, e tentar reduzir ao máximo o número de evasões foram os principais desafios das instituições de ensino privado. “É um momento muito desafiador. É essencial ter um relacionamento estreito com os clientes (alunos, pais e responsáveis), entender de perto a realidade de cada família, para poder conceder descontos mais justos àquelas que, de fato, precisam desse desconto. Assim como saber quem tem possibilidade de continuar a pagar as mensalidades integralmente”, explica Walter (2020), CEO da Agenda Edu e Diretor da Prima¹.

3.4 Consequências gerais da pandemia

Conforme Betina Fresneda, analista de indicadores educacionais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), “A pandemia foi uma catástrofe para a educação básica”, com isso, quando falado na pandemia do coronavírus, é simples considerar os reflexos que ela causou, inclusive, na educação. Esses impactos foram alarmantes em relação a diversos aspectos como a aprendizagem defasada devido a múltiplos fatores, a sobrecarga emocional, a capacidade de manter o interesse, a pressão psicológica, se antes existia aflição no período de vestibular pelo aluno, agora, a saúde mental é atingida de forma mais intensa.

Segundo a Unesco, o Brasil está entre os países que tiveram o maior período de suspensão das aulas presenciais, totalizando uma média de 247,7 dias sem aulas presenciais na rede privada (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2020). Contudo, está sendo uma base para reflexões sobre o sistema educacional e o novo normal. Além do retorno gradual realizado, as instituições adotaram a recuperação coletiva como forma de retomada de conteúdos, do mesmo modo que se foi necessário criar um elo maior entre escola e família, afinal, da mesma forma que foi impactante a adaptação no início, o final dela também está sendo um novo ajustamento.

A pesquisadora Marise Ramos diz que “temos capacidade e condições de interpretar o novo contexto e reconstruir a relação com a educação” (RAMOS, 2022), sendo assim apesar de todas as dificuldades e consequências causadas pela pandemia do COVID-19, educadores e pesquisadores estão trabalhando para uma evolução no sistema de educação do setor privado brasileiro. Mas, claro, muitas mudanças estão por vir,

(...) todo sistema, toda a lógica educacional, e certamente, os trabalhadores da educação, terão como desafio novas mediações dessas relações. Será preciso reconhecer que não se pode esperar dos estudantes posturas equivalentes àquelas que estivemos acostumados no presencial” (RAMOS, 2022),

e novas consequências irão aparecer com o tempo.

4. Pesquisa de Campo e Resultados

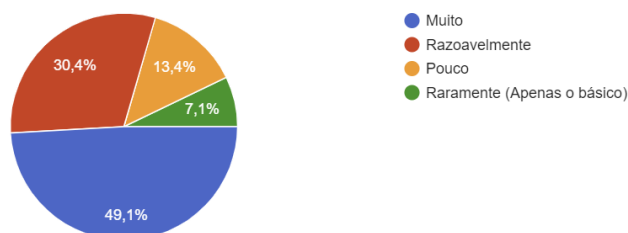
Tendo em vista a necessidade de entender o comportamento dos alunos e professores com o ensino remoto, foram utilizados dois questionários via *Google* formulário, com análise de resultados estatísticos para estudantes e professores. O

¹ Walter, CEO Diretor da Prima – empresa que desenvolve a linha de softwares para gestão de escolas, 2020.

campo de pesquisa totalizou 140 pessoas. Também foram realizadas entrevistas com um profissional da educação de ensino privado e uma aluna de universidade particular.

De acordo com os resultados dos estudantes – 113 alunos, 100% das instituições de ensino utilizaram plataformas digitais, sendo 77,7% o *Google Meet*. Sendo assim, comprova a definição de “ensino à distância” pelo MEC exemplificada na fundamentação teórica. Da visão dos alunos, 49,1% acreditam que os professores utilizaram muito as funcionalidades extras da plataforma utilizada e 30,4% afirmam que usaram razoavelmente, mostrando que validam as ações realizadas pelos professores do ensino privado conforme figura 1.

Figura 1 – Percentual de utilização da plataforma



Fonte: Elaborado pelos autores

Da visão dos alunos, os professores se disponibilizaram em diferentes formas para atender os alunos, sendo que 84,1% dos estudantes disseram que foram utilizadas com frequência as ferramentas de videoconferência, mas 51,3% utilizavam – também – e-mail e 38,9% utilizaram de redes sociais como o WhatsApp e Telegram para auxiliar os alunos. De acordo com o entrevistado (1) “os professores foram além das suas funções para atender as necessidades dos alunos, utilizando redes sociais fora do horário das aulas”.

Muitas escolas utilizaram o período em que o ensino estava remoto para realizar reformas e melhorias nas instalações, sendo 40% nas salas de aula, área de convivência e recepção. De acordo com o entrevistado (1)

foi ótimo que utilizaram esse tempo para realizar melhorias, porque depois de quase dois anos voltamos para uma faculdade com espaços ainda melhores, e sabemos que muitas escolas e faculdades fecharam e não tiveram a oportunidade de melhorar os ambientes.

Isso pode ser comprovado pelas pesquisas do Grupo Rabbit apresentado anteriormente, mostrando que 95% das escolas privadas perderam alunos, consequentemente passaram a lucrar menos.

Por outro lado, 57% dos alunos relataram mesmo que a suspensão das aulas presenciais tenha impactado negativamente a aprendizagem dos estudantes, sua instituição de ensino não utilizou estratégias para mitigar os prejuízos. Enquanto 43% afirmam que realizaram alguma estratégia, entre elas, replanejamento curricular, programas de recuperação da aprendizagem presencial ou não.

Em relação ao ambiente em que se estuda, 50,5% dos alunos consideram que estar em casa durante as aulas *on-line* foi ameno, enquanto 19,5% disseram ao contrário, e 30,1% ficaram no centro das respostas. De acordo com o entrevistado (1)

para mim, não foi muito fácil, mas confesso que tenho muito mais privilégio e conforto do que diversos outros alunos, que precisavam dividir o quarto ou até mesmo o computador, que não tinham acesso à *internet* rápida etc. Mas para mim, a dificuldade estava mais relacionada à concentração nas aulas *on-line*.

A afirmação da estudante na transcrição do trecho acima mostra exatamente outro tópico realizado na pesquisa *on-line*, no qual questiona as maiores dificuldades do ensino

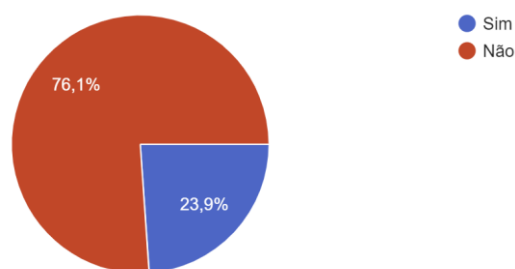
on-line. Entre as respostas obtidas, 77,9% dos alunos afirmaram que tiveram dificuldade em se concentrar, e 39,8% dizem que possuíam dificuldade em separar o ambiente para estudo e lazer.

Já abordando o tema de interação social, o qual sabe-se que nas aulas presenciais os alunos interagem muito entre si, no meio *on-line*, 54,9% dos alunos permaneceram tendo um alto nível de interação. Já 23% ficaram no centro, significando que não possuíam uma grande troca, mas possuíam alguma, e 22,1% realizaram pouca interação com seus colegas. Essas respostas confirmam outro resultado obtido de outra questão, em que 92,9% das respostas recebidas afirmou que o convívio social é importante para o desenvolvimento do aprendizado. De acordo com o entrevistado (1)

eu senti falta de estar com meus amigos no dia a dia, mas a praticidade de estar em casa, sem precisar sair cedo para ir até a faculdade é muito mais confortável, acaba facilitando no dia a dia. E com as redes sociais, fica muito fácil de manter contato, mesmo que não seja igual.

Entre os números obtidos, 76,1% afirmaram que sua família não sofreu os impactos financeiros em relação ao pagamento das mensalidades, enquanto 23,9% afirmaram que sim. Deve-se levar em conta que todas as respostas vieram de pessoas que estudam em instituições privadas, vindo de famílias que comumente possuem uma situação de vida mais estável.

Figura 2 – Percentual de impactos financeiros



Fonte: Elaborado pelos autores

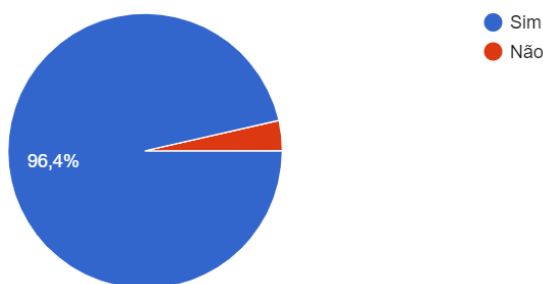
Entre todas as respostas, 48,7% dos alunos afirmaram que apresentaram/apresentam algum problema relacionado à saúde mental. Entre eles, o mais comum foi a ansiedade, com 86,2% e a depressão com 29,3%, sendo assim, muitos apresentaram os dois problemas, simultaneamente. Confirmando a pesquisa da CNN, que afirmou que o índice de ansiedade e depressão aumentou em 25%. Além dos dois já apresentados, a pesquisa revelou que a compulsão alimentar representou 24,1% das respostas. De acordo com o entrevistado (1)

eu fiquei muito ansiosa por estar em casa e não poder sair, ver os números de mortes aumentando toda hora faz com que a gente pense que alguém que amamos pode ser o próximo, e isso com certeza nos prejudica na hora de focar nos estudos.

Fazendo uma análise gráfica dos professores, das 28 respostas obtidas, 100% afirmam que utilizaram plataformas *on-line*, mas apenas 66,7% afirmam que usufruíram de diversas funcionalidades da plataforma fornecida, enquanto 14,8% usaram apenas o básico. De todos os professores que responderam à pesquisa, 96,4% receberam apoio da instituição de ensino privado em que trabalhavam, ou seja, apesar do fato de que ninguém estava preparado para as mudanças durante este período, as respostas indicam que as instituições de ensino privado conseguiram proporcionar um bom suporte aos professores. A maior parte do suporte foi oferecido de forma *on-line* – 92,6% – mas,

66,7% dos professores responderam que a instituição forneceu, também, algum curso ou treinamento e estrutura para gravar aulas assíncronas.

Figura 3 – Percentual de suporte institucional fornecido



Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com o entrevistado (2)

fomos todos pegos de surpresa, mas fizemos nosso melhor para manter as aulas com alta qualidade e professores capacitados, por conta disso, oferecemos apoio *on-line* e disponibilizamos cursos *on-line* para apoiar nossos profissionais da educação e, conseqüentemente, beneficiar nossos estudantes que também passaram por muitas dificuldades no processo de adaptação.

Entre as respostas recebidas, 89,3% afirmaram que utilizavam redes sociais com muita frequência para interação entre colegas de trabalho e gestão. Além das redes sociais, 78,6% disseram que videoconferências também foram muito utilizadas. Com a questão da distância, as pessoas recorrem para ferramentas rápidas e de fácil acesso, como as redes sociais. De acordo com o entrevistado (2)

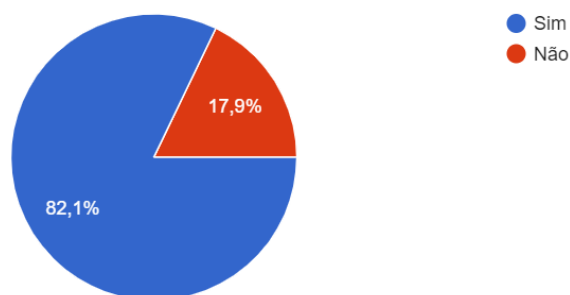
nós temos grupos de *WhatsApp* para manter uma relação próxima com nossa equipe, assim, todos podiam se ajudar, dar dicas e ficar cientes de toda e qualquer mudança ou novidade. Isso funcionou muito bem, principalmente nesse período de ensino a distância.”.

Mesmo 96,4% dos professores tendo respondido que receberam suporte vindo da instituição de ensino em que trabalham, 64,3% afirmaram que uma das maiores dificuldades do ensino *on-line* durante pandemia da COVID-19 foi a capacitação insuficiente de professores para o ensino nessa modalidade. De acordo com o entrevistado (2)

apesar de darmos apoio e sabermos que diversas outras escolas e faculdades também ofereceram esse suporte, todos fomos pegos de surpresa. Não existia um plano de dar aulas *on-line*, fomos todos aprendendo juntos e fornecendo todo apoio, na medida do possível. Também foi um problema para professores que possuíam certa dificuldade com tecnologia, soubemos que seus filhos muitas vezes ajudavam, por terem mais facilidade.

Muitos alunos não participaram das atividades ofertadas pela escola, com isso, 82,1% dos professores afirmaram que a escola utilizou estratégias para buscar ativamente esses estudantes. Entre as estratégias utilizadas, 76% afirmaram que a escola enviou *e-mail* para os responsáveis do estudante, enquanto 44% fizeram até mesmo reuniões com os responsáveis.

Figura 4 – Percentual institucional de busca ativa de estudantes que não estavam participando das aulas



Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com o entrevistado (2)

como a maioria foi pelo menos um pouco prejudicada pelo ensino *on-line* e pela pandemia em si, assim que possível, iniciamos com algumas estratégias para evitar que esses prejuízos permanecessem, como por exemplo as aulas de recuperação coletiva para matérias em que o ensino médio possuía maior dificuldade, matemática, química e física. Isso trouxe impactos positivos.

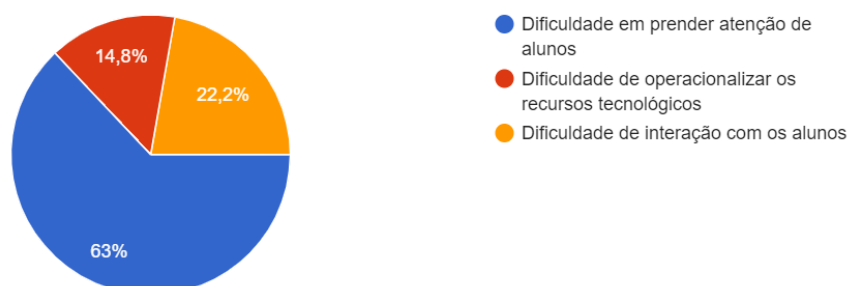
Na pesquisa realizada no *Google* formulários, 75% das respostas afirmaram que houve um replanejamento curricular, e 60,7% afirmaram que houve programas de recuperação de forma presencial, assim como apontado na transcrição da entrevista.

Nota-se que apesar das adversidades, a maior parte dos professores afirma que a atmosfera era relativamente amena dentro de casa nesse período de aulas remotas, com apenas 10,7% afirmando que a atmosfera era complicada e 32,1% responderam no meio, entre o ambiente ameno e o mais complicado. Enquanto 57,1% votaram em 4 e 5, as opções que significam um maior conforto.

Por mais que o clima em casa, em sua maioria, não tenha sido um grande problema, 63% dos professores afirmaram que sua maior dificuldade em ministrar as aulas *on-line* foi a questão de prender a atenção dos alunos. De acordo com o entrevistado (2)

parece que o fato de os alunos estarem em casa tendo aula fez com que ficassem mais dispersos, que não conseguiam focar tanto. Isso pode ter a ver com o fato de muitos participarem das aulas em suas camas, ainda de pijama. Por esse motivo, para tentar fazer com que eles prestassem mais atenção, pedimos para que todos continuassem a vestir o uniforme escolar e ligassem as câmeras junto aos professores.

Figura 5 – Percentual da dificuldade dos professores em ministrar aulas *on-line*



Fonte: Elaborado pelos autores

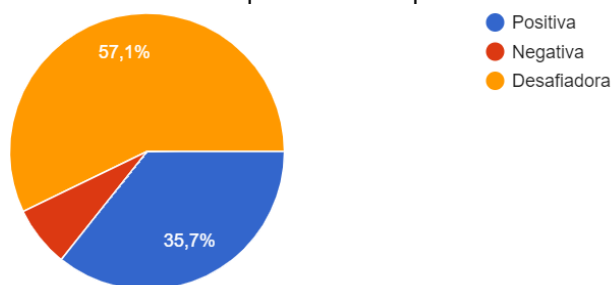
Pode-se notar que os professores sentem que suas aulas *on-line* podem melhorar, mesmo as instituições privadas dando apoio, já que 92,9% das respostas foram que suas aulas podem melhorar no quesito qualidade, e entre essas respostas, 65,4% afirmam que precisam melhorar consideravelmente, e 30,8% dizem que apenas um pouco. De acordo com o entrevistado (2)

acho que sempre queremos ir além, e, claro, como todos fomos pegos de surpresa, mesmo a escola tentando ajudar, o fator do psicológico, estrutura e habilidades específicas, faz com que a gente queira melhorar ainda mais a qualidade do nosso trabalho.

Sabe-se que o período de aulas *on-line* foi complicado para a maioria das pessoas, principalmente na época de *lockdown*, e então foi questionado aos professores como foi sua experiência durante as aulas no novo formato e 57,1% afirmaram que foi desafiadora, enquanto 35,7% acharam a experiência positiva. De acordo com o entrevistado

enquanto alguns acharam muito difícil, por diversos motivos, esse período, outros se adaptaram bem e seguiriam com esse modelo. Mas, falando em escola, acredito que é de extrema importância ter tal contato de forma presencial.

Figura 6 – Percentual da experiência dos professores com o ensino remoto



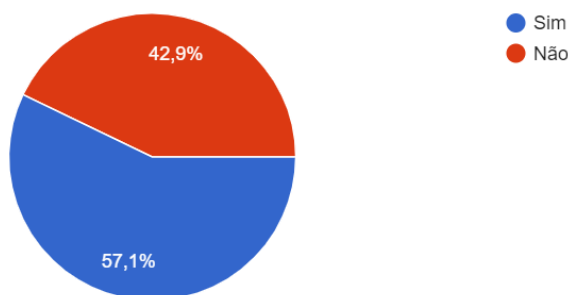
Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à saúde mental, apenas 35,7% das respostas obtidas afirmaram que passaram por algum transtorno na pandemia. Entre eles, 76,9% disseram que sofreram de ansiedade, já a depressão ficou em segundo lugar com 23,1% e a compulsão alimentar ficou com 15,4%. Nota-se uma diferença bem grande entre os alunos e professores.

Após o período das aulas *on-line*, 55,6% dos professores afirmam que se sentiram mais valorizados pelos alunos e pais de alunos. De acordo com o entrevistado (2)

muitos alunos viram as dificuldades que os professores passaram e conseqüentemente seus pais também. Com isso, alguns passaram a valorizar mais o trabalho das escolas em um geral, principalmente dos professores, que estavam na linha de frente do ensino durante este período de ensino a distância.

Figura 7 – Percentual do sentimento de valorização após as aulas *on-line* para professores



Fonte: Elaborado pelos autores

A pesquisa revelou que a pandemia trouxe grandes dificuldades para todos, alunos e professores. Além disso, que todos estão enfrentando essas dificuldades até hoje, e por mais que alguns desses problemas sejam um pouco diferentes, estão completamente relacionados.

5. Conclusões

O presente artigo foi norteado pelo objetivo principal de compreender as tendências que podem ser destacadas e que estão contribuindo para o novo cenário da rede de

ensino privada nacional é o principal objetivo a ser estudado. A partir dos resultados obtidos pela pesquisa, pode-se concluir que o objetivo foi alcançado, na medida em que há indicações significativas do uso de tecnologias de ensino mediando o processo de aprendizagem.

Em decorrência da pesquisa, nota-se que, dentro do ensino privado, tanto para os professores quanto para os alunos, as interações sociais foram abaladas. Ambos usaram a tecnologia a todo momento, mas, em geral, os professores sentiram mais dificuldade neste aspecto. Além destes pontos, foi verificado que o nível de ansiedade e depressão aumentou muito durante a pandemia para ambos, apesar de que, para os alunos, a quantidade foi maior. No aspecto financeiro, foi analisado que os alunos e seus pais sofreram consideravelmente.

Nota-se que, apesar de tantos aspectos negativos, houve também, alguns positivos. Os professores passaram a se sentir mais valorizados. Tanto os professores como os alunos precisaram se desenvolver no quesito da tecnologia, trazendo novos aprendizados. Ambos sentiram uma maior comodidade e conforto em estar em casa durante este período.

Referências

A fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Ministério do Trabalho – MTB; Ministério da Justiça e Segurança Pública – MJSP. D.O.U. DE 14/07/2017, P. 1
CALCINI, Ricardo; ANDRADE, Dino Araújo de. Home office e os riscos trabalhistas. 2020.

ALFANO, Bruno. Pesquisa com pais de alunos de escolas particulares diz que 66% tiveram dificuldade com ensino remoto na pandemia. EXTRA. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/educacao/pesquisa-com-pais-de-alunos-de-escolas-particulares-diz-que-66-tiveram-dificuldade-com-ensino-remoto-na-pandemia-24535132.html>> Acesso em: 16 de setembro de 2022.

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 10, 2011.

BECKER, Martha Assessoria. Fundacred. Disponível em: <<https://www.fundacred.org.br/site/2021/04/14/perspectivas-das-instituicoes-de-ensino-no-pos-pandemia/>> Acesso em: 25 de setembro de 2022.

Brasil, LEI Nº 13.467 DE 13 DE JULHO DE 2017. A fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Ministério do Trabalho – MTB; Ministério da Justiça e Segurança Pública – MJSP. D.O.U. DE 14/07/2017, P. 1

COELHO, Christian. Efeito pandemia: matrículas em escolas privadas caem quase 20%. Revista Educação. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2020/12/11/rematriculadas-escolas-covid/>> Acesso em: 16 de setembro de 2022.

COELHO, Christian. Notícias Concursos. Disponível em: <<https://noticiasconcursos.com.br/levantamento-mostra-que-95-das-escolas-perderam-alunos-durante-a-pandemia/>> Acesso em: 19 de setembro de 2022.

COELHO, Raphael. Sala da Notícia. Disponível em: <<https://saladanoticia.com.br/noticia/7579/educacao-o-que-podemos-esperar-do-setor-privado-no-pos-pandemia>> Acesso em: 14 de setembro de 2022.

ENSINO REMOTO: desafios e soluções para adaptação da aprendizagem. I Do Code. Disponível em: <<https://idocode.com.br/blog/educacao/ensino-remoto-desafios-e-solucoes-para-adaptacao-da-aprendizagem/>> Acesso em: 01 de setembro de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Economia Estadão. Disponível em: <[https://liga.tv.br/publicacao/170406/pandemia-agravou-desigualdades-na-educacao-entre-rede-publica-e-privada-e-entre-pobres-e-ricos-economia-estadao.htm#:~:text=Segundo%20o%20IBGE%2C%20a%20pandemia%20representou%](https://liga.tv.br/publicacao/170406/pandemia-agravou-desigualdades-na-educacao-entre-rede-publica-e-privada-e-entre-pobres-e-ricos-economia-estadao.htm#:~:text=Segundo%20o%20IBGE%2C%20a%20pandemia%20representou%20)>

20a%20maior,Betina%20Fresneda%2C%20analista%20de%20indicadores%20educacionais%20do%20IBGE> Acesso em: 02 de setembro de 2022.

MELLER, Fernanda Gusso Rosa. As vantagens e desafios por trás da tecnologia na educação. UNINTER, Curitiba. Disponível em: <<https://www.uninter.com/noticias/as-vantagens-e-desafios-por-tras-da-tecnologia-na-educacao>> Acesso em: 01 de setembro de 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. UOL Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2021/12/03/pandemia-agravou-desigualdade-na-educacao-publica-e-privada-e-entre-pobre-e-rico.htm>> Acesso em: 02 de setembro de 2022.

PAINEL CORONAVÍRUS. Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 05 de setembro de 2022.

RAMOS, Marise. Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=educacao-pos-pandemia-por-Marise-Ramos>> Acesso em: 06 de setembro de 2022.

RENDIMENTO ESCOLAR e exclusão: antes e durante a pandemia. Canal Futura. Disponível em: <<https://www.futura.org.br/rendimento-escolar-e-exclusao-antes-e-durante-a-pandemia/>> Acesso em: 15 de setembro de 2022.

ROCHA, Lucas. Casos de ansiedade e depressão cresceram 25% durante pandemia, diz OMS. CNN, São Paulo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/casos-de-ansiedade-e-depressao-cresceram-25-durante-pandemia-diz-oms/> Acesso em: 04 de setembro de 2022.

SALIBA, Walter. Sophia e Agenda Edu. Disponível em: <<https://sophia.com.br/o-equilibrio-financeiro-das-escolas-na-pandemia/>> Acesso em: 05 de setembro de 2022.

SAÚDE MENTAL no pós-pandemia nas escolas. Novo tempo Rede de Ensino. Disponível em: <<https://www.colegionovotempo.com.br/saude-mental-no-pos-pandemia-nas-escolas/>> Acesso em: 8 de setembro de 2022.

SER PROFESSOR na pandemia: impactos na saúde mental. Revista Arco. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/saude-mental-professores-pandemia/>> Acesso em: 11 de setembro de 2022.

TENDÊNCIAS PARA O SETOR EDUCACIONAL NO PERÍODO PÓS PANDEMIA. Quero Educação. Disponível em: <<https://gestao.quero.com/blog/tendencias-para-o-setor-educacional-no-periodo-pos-pandemia/>> Acesso em: 3 de setembro de 2022.

TOUTAIN, Lídia Brandao et al. AÇÃO DAS BIBLIOTECAS PARA O APOIO A EDUCAÇÃO A. In: Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB. 2017.

UNIÃO PELAS ESCOLAS particulares de pequeno e médio porte. Revista Educação. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/10/22/escolas-colapso-covid/> Acesso em: 16 de setembro de 2022.